

# **R** ESENHAS

# MOTTA, Roberto; FERNANDES, Marcionila (Orgs.). *Gilberto Freyre: região, tradição, trópico e outras aproximações*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, 425 p.

**Amurabi Oliveira**

*Doutor em sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do CNPq*

“O Brasil futuro não vai ser o que os velhos historiadores disseram e os de hoje ainda repetem, Vai ser o que Gilberto Freyre disser.”

Monteiro Lobato (1944).

Qualquer obra que se volte para a análise do trabalho do sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre (1900-1987) inevitavelmente se torna passível de uma recepção ambivalente, tendo em vista o caráter sempre polêmico que envolve o legado desse intelectual. Ademais, há de se destacar que:

Gilberto Freyre jamais completou a tradução, em conceitos claros e distintos, em proposições articuladas, com sequência e consequência, de sua muito poderosa intuição sobre o que faz o Brasil ser o Brasil. E, apressando os raciocínios, ousou dizer que há oposição diametral entre o modo gilbertiano de pensar e o paradigma de ciência social que veio a prevalecer na Universidade de São Paulo e que vem a difundir-se ou confundir-se com o paradigma de outras universidades, em São Paulo e noutros estados. (Motta, 2009, p. 149)

Esta afirmação realizada em trabalho anterior por um dos organizadores da coletânea aqui analisada traz à tona uma das principais dificuldades na abordagem do pensamento de Freyre, que se expressa nas contrastantes

leituras que ele recebe, marcadas ora um tom celebrativo, indicando principalmente a originalidade de sua abordagem e a capacidade de construir uma leitura *sui generis* sobre o Brasil, ora um tom combativo, buscando desconstruir principalmente o que se convencionou denominar de “mito da democracia racial”.

Penso que a maior contribuição de *Gilberto Freyre: região, tradição, trópico e outras aproximações* encontra-se no tom polifônico que esta coletânea possui, de tal modo que autores vinculados a distintas tradições e linhagens de pensamento, partindo de diversas formações intelectuais, buscam elaborar uma leitura do legado freyreano. Tal multiplicidade de vozes me parece ser algo necessário no processo de captação do trabalho multifacetado de Freyre, e isso colabora para que se possa escapar de leituras apressadas que pouco contribuem para o avanço do debate. No mais, há de se ressaltar que essa coletânea reflete o crescente interesse da comunidade acadêmica, dispersa nos múltiplos campos do saber impactados por Freyre, na revisita desse autor, o que tem mobilizado autores no Brasil e no exterior (Lehmann, 2008).

Este trabalho está organizado em três partes: I) Região e Tradição; II) Tropicologia; III) Contrastes, Parentescos, Antecedentes. Como se pode perceber, os dois primeiros gravitam em torno de conceitos largamente explorados nos livros de Freyre, de tal modo que os trabalhos nessas sessões são mais coesos, a última ainda que seja composta de artigos mais dispersos entre si, unificados pelo autor que dá vida a esta obra, traz análises inovadoras e perspicazes sobre o intelectual de Apipucos<sup>1</sup>.

Antes de adentrar nestas subdivisões do livro, cabe um olhar especial para a introdução escrita pelos organizadores Roberto Motta e Marcionila Fernandes denominada “Gilberto Freyre, um Enigma Genealógico”, pois além de exporem a tônica principal da coletânea, eles investem no processo de “deciframento” de Freyre, buscando captar as múltiplas influências inte-

<sup>1</sup> Refere-se ao bairro do Recife onde Gilberto Freyre fixou residência, neste mesmo bairro localiza-se a Fundação Joaquim Nabuco, Instituto de Pesquisas Sociais fundado por iniciativa de Freyre, e a Fundação Gilberto Freyre.

lectuais recebidas. Os organizadores chegam mesmo a questionar o real impacto da obra de Franz Boas (1858-1942) nos escritos de Freyre, o que já fora realizado por Roberto Motta em trabalhos anteriores (Motta, 2008), porém não se trata apenas de problematizar essa influência, que fora alardeada por Freyre de forma enfática ao menos desde o prefácio da primeira edição de *Casa-Grande & Senzala* em 1933 (Freyre, 2005), mas sim de compreender as razões pelas quais ele acabou por destacar esta influência em detrimento de outras, incluindo aí seu próprio orientador de mestrado.

Inaugurando a primeira parte da coletânea Anco Márcio Tenório Vieira em *Enganos e controvérsias a propósito de um conceito: regionalismo* se volta para um dos conceitos que primeiro ganha proeminência em Freyre, pois sua visibilidade data ao menos do *I Congresso Regionalista do Nordeste*, cujo manifesto fora publicado algumas décadas depois. Apesar dessa discussão anteceder a publicação dos trabalhos mais famosos de Freyre, especialmente *Casa-Grande & Senzala*, Vieira explora como que os conceitos de tradição, região e modernidade não surgem como elementos isolados, tampouco opostos, mas sim como aqueles que possibilitam a conexão entre passado, presente e as possibilidades de futuro, precisando uns dos outros “(...) para cumprir o destino que o futuro reservava ao Brasil: o de ser a primeira grande civilização tropical moderna no século que começava a nascer.” (p. 50). Luitgarde Barros, por outro lado, em *A Datação do mito* volta-se de forma mais detalhada para as polêmicas existentes no período do Congresso Regionalista, sem perder de vista o debate sobre o modernismo capitaneado pelo eixo Rio-São Paulo nos anos de 1920. Suas inquietações sobre o “Mito Gilberto Freyre” a leva a uma leitura cuidadosa do discurso de posse na Academia Brasileira de Letras de autores que teriam sido influenciados por Freyre, como Mauro Mota (1911-1984), José Lins do Rêgo (1901-1957), Rachel de Queiroz (1910-2003) etc., porém não encontra referência a Freyre, de tal modo que por esse caminho a autora acaba por contribuir para o desvelamento (ou não) do mito criado em torno desse intelectual.

*Casa-Grande & Sertão: reflexão sobre os Nordestes na obra de Freyre* de Maria Lucia Garcia Pallares-Burke problematiza o lugar do Nordeste no

trabalho do autor, dialogando com as principais críticas tecidas nesse ponto, que acusam Freyre de tomar a parte pelo todos, explicando o Brasil pelo Nordeste, ou mais especificamente Pernambuco. A autora explora a multiplicidade de perspectivas a partir da qual Freyre expõe o Nordeste, ainda que ganhe destaque um processo de posituação dessa região como fica evidente no livro *Nordeste* publicado em 1937 (Freyre, 1951), e também as relações intelectuais e de amizade com outros proeminentes pensadores nordestinos de seu tempo, cujas ideias convergiam para a construção de um projeto em comum, destacando-se nesse processo a liderança de Freyre.

Raimundo Arraes em *Gilberto Freyre e a formação do pernambucano* volta-se para a constituição da identidade do homem pernambucano, que seria marcada, sobretudo pela síntese entre o universal e o local. Acompanhando o raciocínio de Arraes fica evidente que o homem pernambucano, em articulação também com uma discussão sobre o Recife cidade ao qual Freyre dedicou mais de um trabalho (Freyre, 2007, 2008), seria uma expressão extrema da plasticidade e dualidade (em equilíbrio) que Freyre percebe na constituição do povo brasileiro, ao mesmo tempo em que o autor indica que há aí lampejos autobiográficos realizados por Freyre, na medida em que “(...) ele focaliza o outro refletindo nesse outro sua própria imagem. Por outro lado, ele iluminava a si mesmo com qualidades análogas que ele identificava em Nabuco, Oliveira Lima e Estácio Coimbra.” (p. 137).

E finalizando essa primeira parte, Roberto Motta em *O Amigo e os Inimigos: Gilberto, René, religiões e relações raciais* explora a participação relativamente pouco conhecida de Freyre e René Ribeiro (1914-1990) no chamado “Projeto UNESCO”. Motta destaca-se as afinidades e os desencontros do pensamento desses dois intelectuais, seu esforço no decorrer do texto aponta para o fato de que o Projeto UNESCO em Pernambuco representou, em oposição a como ele foi desenvolvido na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo, uma “contrarrevolução”, o que se deveu, em parte, ao fato de que os autores pernambucanos se mantiveram “(...) afastados do modelo de correção histórica e política dos outros pesquisadores do Projeto.” (p. 171).

A segunda parte da coletânea, devotada à Tropicologia de Freyre, é inaugurada com *Crueldade & Confraternizações: breve ensaio de psicanálise selvagem* de Jomard Muniz de Brito, que coloca Gilberto Freyre como um “fantasma” de nossa brasilidade, dando especial atenção ao que ele considerava ser à base do pensamento de Freyre, ainda que haja nisso uma evidente simplificação como Brito assume, que seria formada pelo Patriarcado, pela interpenetração de etnias e culturas e pelo Trópico, estando na base dos demais elementos.

Peter Burke, por outro lado, em *Tropicalização, tropicalismo, tropicologia: a contribuição de Gilberto Freyre*, busca distinguir três conceitos de Freyre, já anunciados no título de seu artigo, para destacar as contribuições desse autor. Ele assume também que o patriarcado, a interpenetração de culturas e grupos étnicos e o trópico constituem a base do pensamento de Freyre. Burke destaca a fluidez conceitual de Freyre, especialmente no que concerne ao Trópico, todavia seu cuidado em situá-lo contextualmente, desvelando o emaranhado contexto político e intelectual no qual estas ideias foram produzidas, não se furtando de indicar que as ideias de Freyre foram utilizadas ostensivamente no processo de busca por legitimação do sistema colonial português. Destacando os avanços conceituais, mas também suas fragilidades, Burke conclui que: “(...) a ideia de Tropicalismo ou, pelo menos, de Luso-Tropicalismo, não resistiu aos desgastes do tempo e da crítica.” (p. 221), de tal modo que nunca se conclui o projeto de consolidá-la como uma disciplina.

Novamente Roberto Motta demonstra sua destreza na análise do pensamento freyreano em *Tempo, desenvolvimento e (in)correção histórica: a propósito da lusotropicologia de Gilberto Freyre*, no qual ele se propõe a indicar como que o sociólogo e antropólogo pernambucano elaborou uma interpretação do Brasil distinta daquela recorrente no pensamento social brasileiro, afastando-se da exaltação da modernidade e apegando-se à tradição, isto é elaborado a partir da ideia de “tempo ibérico”. Uma das questões mais originais trazidas por Motta nesse trabalho refere-se a sua leitura da obra de Freyre como uma postura “antiweberiana”, que se colocaria na contramão das demais leituras do Brasil.

A *institucionalização da tropicologia* de Sílvio Soares da Silva explora como “(...) Gilberto Freyre desenvolveu o conceito de Lusotropicalismo, abrangendo o estudo interdisciplinar (ecológico, sociológico, antropológico, etc.), relativos à presença portuguesa na Ásia, na África e na América.” (p. 245), para ele não se tratava apenas da enunciação de um conceito ou de uma teoria, mas sim da institucionalização, ainda que incipiente, de uma modalidade de estudos multidisciplinares, cujo marco mais efetivo serão os chamados *Seminários de Tropicologia*, que passam a ocorrer a partir dos anos de 1960 perdurando mesmo depois da morte de Freyre, ao longo desse período o *Seminário de Tropicologia* “(...) debateu temas relacionados, entre outros, à medicina, à física, às artes, à economia, à educação, à história, à política, ao direito e à antropologia.” (p. 258).

A terceira e última parte do livro intitulada *Contrastes, parentescos e antecedentes*, como afirmei anteriormente, constitui um espaço mais heterogêneo de discussão sobre a obra de Freyre, sendo iniciada pelo texto de Êlide Rugai Bastos intitulado *Gilberto Freyre e Florestan Fernandes: um debate sobre a democracia racial*, certamente este é um dos pontos mais polêmicos envolvendo o legado intelectual de Freyre, porém Bastos não se dirige para o caminho mais simples que se restringe a uma crítica ao trabalho desse autor, atribuindo-lhe a alcunha de defensor do “mito da democracia racial”, o que é adotado largamente por uma série de críticos, e inicia destacando o lugar do negro na constituição da sociedade brasileira assim como da família patriarcal, dando relevo ao papel crítico que Freyre assumiu ante às teorias racistas de seu tempo. A autora examina ainda a análise de Florestan Fernandes das relações raciais no Brasil, dando relevo ao fato de que o foco principal de *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* (FERNANDES, 1978 [1964]) não é a crítica ao mito da democracia racial, pois:

A tese da obra é mais abrangente: trata-se de compreender como o mito da democracia racial funcionou como um dos elementos da manutenção, no Brasil, mesmo com o advento da República, de uma sociedade patrimonialista. Em outros termos, o mito da democracia

racial constituiu-se em *mais um* fator de resguardo, por parte das velhas elites, das suas atribuições fundamentais na estrutura de poder da sociedade. Por essa razão, são as críticas que os pesquisadores *uspianos* fazem sobre o patriarcalismo que se definem como centrais em relação à interpretação do Brasil feita por Gilberto Freyre (p. 274-274).

A autora, portanto, lança um olhar original sobre o debate fomentado por estes intelectuais, ainda que se possa problematizar o fato de que esses dois autores não necessariamente estavam colocando suas questões nos mesmos termos, em que pese o significado que a categoria classe assume no pensamento de Florestan Fernandes no processo de interpretação das relações raciais no Brasil (Motta, 2000; Oliveira, 2014b).

*Gilberto Freyre: miradas sobre a América Hispânica* de Fernanda Arêas Peixoto destaca a leitora que Freyre realiza da América Latina, o que teria uma influência decisiva de seu amigo Oliveira Lima (1867-1928), o que explorado no texto, mas que ao mesmo tempo não se trata de uma influência que se coloca de forma linear tendo em vista que há também distanciamento, especialmente a partir da viagem realizada pela América do Sul na década de 1940, pois ao passo que Oliveira Lima teria aderido ao perfil europeu de Buenos Aires.

Freyre, ao inverso, combate nesse momento as ameaças de ‘americanização’ ou de ‘argentinização’ – leia-se de homogeneização segundo normas ocidentais – burguesas – que rondam os países da América do Sul e às quais ele opõe a diversidade cultural, a mestiçagem e o resgate de traços aristocráticos enraizados na cultura. (p. 298-299).

Há, portanto, um jogo de aproximação e distanciamento com relação à influência de Oliveira Lima nas leituras que Freyre faz da América Latina, que ganham contornos próprios ante as experiências que este passa a vivenciar no continente.



O segundo texto de Peter Burke na coletânea, intitulado *O Mediador: Gilberto Freyre e a arte da transmissão cultural*, destaca como Freyre pode muito bem ser visto como um mediador entre a cultura britânica e a brasileira. A influência do pensamento anglófono é amplamente conhecida na trajetória do autor, que vai desde a educação no colégio americano no Recife, passando pela graduação e mestrado nos Estados Unidos, e pelas experiências em Oxford (Pallares-Burke, 2005; Oliveira, 2014a), porém Burke vai além e indica que algumas das ideias que Freyre elaborou sobre o Brasil e Portugal seriam traduções de ideias dos ingleses sobre eles mesmos, de tal modo que ele teria traduzido a mestiçagem britânica em termos de mistura brasileira, apontando aí seu lugar de mediador (e tradutor) cultural, o que teria tornado possível sua interpretação do Brasil.

*Gilberto Freyre, inventor do Brasil* de Roberto Cavalcanti de Albuquerque tem a preocupação de refutar certas críticas à obra desse pensador, especialmente no que diz respeito à ideia de que seriam ausente de teorias seus trabalhos, ainda que não tenha se filiado a determinadas teorizações, teria se servido de muitas delas para construir sua interpretação, do mesmo modo haveria em seu trabalho uma pluralidade em termos metodológicos, como o próprio autor indica no prefácio da segunda edição de *Sobrados e Mucambos* (2006), o que incluiria aí não apenas a abordagem objetivamente científica, como também a intuitivamente poética. É a partir desses recursos que Freyre “(...) atualizou, para o brasileiro moderno, a sua visão de natureza. Recriou sua história. E confiou no futuro. Desmitificou o paraíso.” (p. 345). Esta invenção, certamente, se coloca a partir da interdependência entre passado, presente e futuro, que possibilita a Freyre criar o Brasil, o que também é reconhecido por Cardoso (2013), porém posto nos termos da construção de um mito no qual gostamos de nos enxergar.

Na última contribuição de Roberto Motta à coletânea intitulada *Lembrança de Gilberto*, o texto assume um tom mais pessoal, sem com isso perder o rigor da análise, tentando captar como Freyre exprimia suas ideias, “(...) submerso em sua descoberta e em suas imagens, raramente exprimindo a riqueza dessa intuição não só em conceitos, mas em proposições e demons-

trações, ao modo de Aristóteles ou de Descartes.” (p. 349), portanto, Motta esclarece que a força do gênio de Freyre estava em pensar antes através de imagens do que através de conceitos, o que é uma questão fundamental para compreendermos o desenho singular que seu trabalho assume.

Finalizando a coletânea, Simone Meucci em *A Experiência Docente de Gilberto Freyre na Universidade do Distrito Federal (1935-1937)*, explora uma passagem pouco conhecida de sua atuação, quando lecionou as disciplinas de Sociologia, Antropologia e Pesquisas e Inquéritos Sociais, e a partir desse ponto a autora busca analisar como Freyre contribuir para a sistematização das Ciências Sociais, deixando evidente que apesar das ambivalências que o próprio autor alimentava sobre sua condição intelectual de sociólogo e antropólogo (Freyre, 1968), seu papel é fundamental no processo de institucionalização dessas ciências no Brasil. Meucci reconstituiu cuidadosamente o cenário intelectual da Universidade do Distrito Federal (UDF) na década de 1930, inserindo a atuação de Freyre nesse contexto, já como um autor amplamente reconhecido principalmente depois da publicação de *Casa-Grande & Senzala*, incluindo aí a fundação do *Club de Sociologia* além do ensino regular das disciplinas. Para Meucci, a UDF parece ter sido um ambiente particularmente favorável para a apresentação do projeto intelectual de Freyre, o que se relacionava a certa autonomia que ela manteve até 1937, “Ou seja, o ‘clima’ que cercou a experiência universitária da UDF abrigou a solução proposta por Gilberto Freyre, calcada sobre a diversidade cultural, a positividade do modelo ibérico, a valorização da cultura popular.” (p. 393).

A multiplicidade de autores e de temáticas exploradas desta coletânea pesa como um ponto forte a seu favor, ao mesmo tempo em que alguns eixos são tomados como condutores de determinadas discussões pouco exploradas em trabalhos anteriores. Todavia, penso que Freyre continua um enigma genealógico, como anunciado na introdução dos organizadores, porém a cada novo olhar lançado esse enigma se desvela um pouco mais.

Certamente uma das marcas mais incisivas desse conjunto de trabalhos é a desmistificação de certas críticas tecidas a Freyre, algumas por vezes bastante amenas, mas que são amplamente difundidas nos ciclos intelec-

tuais. Mas não acredito que seja uma obra apenas que visa festejar a figura de Gilberto Freyre, pois os autores não se furtam de realizar novas críticas e apontar limites para a análise freyreana, porém isso é realizado situando contextualmente o autor, e indicando também os avanços que sua discussão trouxe para nossa compreensão do Brasil.

Acredito que o pensamento de Gilberto Freyre continua pulsante, atual e em aberto, passível de novos olhares, e o que a coletânea *Gilberto Freyre: região, tradição, trópico e outras aproximações* deixa claro é que está em curso uma intensa renovação dos estudos sobre a obra desse intelectual, de tal modo que ela pode ser entendida ainda como um convite para que novos pesquisadores se lancem sobre esse legado multifacetados, que possui ainda enésimos ângulos e arestas a serem explorados.

## Referências

1. CARDOSO, Fernando Henrique. *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
2. FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.
3. FREYRE, Gilberto. *Assombrações do Recife Velho*. São Paulo: Global Editora, 2008.
4. \_\_\_\_\_. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2005.
5. \_\_\_\_\_. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.
6. \_\_\_\_\_. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. São Paulo: Global Editora, 2007.
7. \_\_\_\_\_. *Nordeste*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.
8. \_\_\_\_\_. *Sobrados & mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. Global: São Paulo, 2006.
9. LEHMANN, David. Gilberto Freyre: a reavaliação prossegue. *Horiz. antropol.*, v.14, n.29, p.369-385, 2008.
10. MOTTA, Roberto. Élide, Gilberto, imagismo e língua de universidade. *Rev. bras. Ci. Soc.*, v. 24, n. 69, p. 149-162, 2009.
11. \_\_\_\_\_. Paradigmas de interpretação das relações raciais no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, s/v., n. 38, p. 113-134, 2000.

12. \_\_\_\_\_. Reação a Max Weber no pensamento brasileiro: O caso de Gilberto Freyre. *Estudos de Sociologia*, v. 13, n. 1, p. 185-206, 2008.
13. OLIVEIRA, Amurabi. Educação e Pensamento Social Brasileiro: alguns apontamentos a partir de Florestan Fernandes e Gilberto Freyre. *Revista de Ciências Sociais*, v. 45, n. 1, p. 15-44, 2014a.
14. \_\_\_\_\_. Entrevista com um 'Ph.D' nada típico: Xangô, Weber, Gilberto Freyre e outros assuntos com Roberto Motta. *Latitude (UFAL)*, v. 8, n. 2, p. 427-440, 2014b.
15. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Gilberto Freyre – um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.